

Vínculos e catástrofes sociais: casais e crises ^[1]

Elizabeth Palacios^[2]

RESUMO: A autora apresenta reflexões sobre os efeitos das catástrofes ambientais, sociais e naturais na dinâmica da subjetividade coletiva e individual. Considera que essas alteram a ordem familiar e perturbam os vínculos em geral. O texto apresenta considerações teóricas sobre o tema perpassando a teoria psicanalítica, de sua origem aos dias atuais, e aponta para a importância de observar que as formas contemporâneas de vínculo estão em mutação constante. Como ilustração clínica traz o atendimento terapêutico de um casal em trânsito, fugindo da guerra entre Rússia e Ucrânia na busca por um espaço continente para viver.

PALAVRAS-CHAVE: catástrofes, intrassubjetividade, intersubjetividade, transsubjetividade, vínculos

1. Este artigo, escrito originalmente em espanhol e disponível na edição virtual on-line da *Berggasse 19*, foi traduzido por Claudio César Montoto.

2. Psiquiatra. Membro didata da Asociación Psicoanalítica de Madrid (APM) e membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Especialista em psicanálise de crianças e adolescentes. Presidente do Comitê de Família e Casal da IPA e diretora do centro de adolescentes vulneráveis e suas famílias da Asociación para el Desarrollo y la Educación (Aspade) de Zaragoza, Espanha.

É possível, em geral, uma regulação não violenta dos conflitos? Com certeza. Os relacionamentos privados entre as pessoas nos oferecem grandes quantidades de exemplos. Um acordo não violento emerge em qualquer cultura que coloque à disposição dos homens os meios puros para o entendimento. (Benjamin, 1921/1977, p. 24, tradução livre)

Crises sociais, os vínculos e o psiquismo individual

Não posso me isentar de enxergar os fenômenos que impactam, neste momento, os conjuntos humanos próximos. Observamos, na Europa e em outros lugares do mundo, os efeitos evidentes da guerra, e uma atmosfera de constante ameaça que provém de diversas origens: desemprego, pandemia, guerra. O resultado é um estado geral de medo crônico. Freud (1932/2002) propôs explicar a tendência dos seres humanos para a guerra. Os conflitos surgidos em diversas comunidades humanas assinalam uma infinita superposição de fatores e situações. Fica claro que compartilhar para construir algo em comum, entre muitos integrantes de um determinado conjunto, nem sempre dá como resultado uma convivência tolerante e cordial.

Catástrofes sociais e naturais são fenômenos que provocam efeitos de devastação na subjetividade coletiva e na individual porque ambos são produtores de efeitos patologizantes. Trata-se de fenômenos que, como conjunto humano que habitamos este planeta, não conhecemos, mas dos quais padecemos. No entanto, o que diferencia ambos os fenômenos? Como podemos dotar de sentido a crueldade exercida por um ser humano, algo que se torna inexplicável? É fácil chegar à conclusão de que não pode haver saúde individual em um contexto de tragédia coletiva e de que a ilusória sensação de pertencimento por ser parte de uma comunidade, de uma família, tudo isso pode se perder mesmo quando parece ser impensável.

As catástrofes nomeiam uma alteração brusca e comovedora do curso regular da vida de uma ou de muitas pessoas. A direcionalidade das catástrofes sociais se origina no âmbito social, e elas alteram a ordem familiar e os indivíduos afetados por elas (Berenstein, 2005).

O que acontece no nível vincular quando se desarticulam os modos defensivos do sujeito, quando se desmontam as defesas, quando os excessos provocam fenômenos não metabolizáveis? O que acontece quando fica em xeque a relação do sujeito com a sua realidade, consigo mesmo e com o seu mundo vincular, o que o empurra a processos de elaboração psíquica e vincular inéditos ou a uma retraumatização por efeitos de ordem semelhante em gerações adjacentes ou consecutivas, com os consequentes efeitos dessubjetivantes sucessivos? Pensemos tudo isso desde a clínica.

Um mundo em guerra

A possibilidade que tivemos de trabalhar com um grupo de profissionais de países do Leste Europeu nos permitiu pensar a partir de alguns casos, como o que vou expor agora. Trata-se de um tipo de clínica vincular com alguns pontos em comum com o que observamos durante a pandemia no dispositivo que montamos

na Asociación Psicoanalítica de Madrid para colaborar com a comunidade durante o confinamento pela Covid-19.

O nosso pertencimento social parece ser silencioso e somente se torna consciente para nós nos momentos críticos da vida. Isso mostra a sua importante eficácia. O espaço público tem a capacidade de instituir um traço subjetivante que nos permite fazer parte de um conjunto de sujeitos, e o fato de irmos fazendo em conjunto permite gestar produções subjetivas que fazem o devir do sujeito social. O espaço familiar e os vínculos de casal estão atravessados pelo espaço público e, parcialmente, fazem parte do pertencimento social. Isso é o que poderemos observar no caso clínico de Oleksandra e Daryna.

O caso desse casal de mulheres dá conta do tipo de clínica com que nos deparamos em situações de catástrofe social e nos permite pensar a enorme complexidade da noção de subjetividade social e o efeito que ela provoca nos vínculos humanos.

Trata-se de um caso de supervisão de uma colega que intervém de forma terapêutica em um país que está em guerra, e corresponde a um dispositivo gerado para a colaboração com terapeutas que estão imersos nessa realidade.

O começo do trabalho terapêutico com Oleksandra e Daryna esteve impregnado por uma permanente irritação de uma delas e pela anulação da capacidade de reagir da outra, tudo isso acontecendo com a urgência de algo que as aterrorizava.

Elas solicitaram uma consulta dias antes de começar a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. O pedido foi de intervenção com um casal de mulheres que solicitavam ajuda “para enfrentar os desencadeantes traumáticos”. Começaram o tratamento na modalidade presencial e, quando saíram do país, prosseguiram com o tratamento on-line. Elas estavam em trânsito, em direção a um país da União Europeia no qual pudessem se sentir a salvo, sob vários pontos de vista.

Inicialmente, quando a terapeuta as viu chegar e se sentar no consultório, supôs se tratar de uma mãe com a filha adolescente. Essa primeira impressão aconteceu devido ao aspecto físico de ambas e pelo modo com que se apresentavam. As brigas tinham começado a ser contínuas nas semanas prévias à consulta. Uma delas explodia de forma violenta, e a outra se recolhia em si mesma, o que provocava na primeira ainda mais raiva e desapontamento. As primeiras consultas foram muito difíceis para a terapeuta, porque simples comentários ou perguntas sobre diversos aspectos do relacionamento pareciam afetar profundamente Oleksandra, que sentia não ter espaço suficiente para poder se exprimir. Ela apresentava uma vulnerabilidade extrema, como também importantes sentimentos de culpa. Cada vez que Daryna fazia algum comentário que parecia não ter a intenção de impactar negativamente a sua companheira, Oleksandra os interpretava como ataques frontais. A terapeuta se pegava pensando na possibilidade de atender cada uma individualmente e dar uma maior continência para Oleksandra. De forma contratransferencial a terapeuta sentia um forte sentimento de culpa por dar atenção a uma e sentir que descuidava da outra. Daryna mostrava, segundo a descrição da terapeuta, o jeito de um samurai,

porque se parecia com uma espécie de soldado-servente que tentava sustentar e acompanhar a sua parceira nos tempos de guerra. Apesar disso, o seu modo de estar junto de Oleksandra realmente parecia o de alguém impermeável que não podia se ouvir nem escutar aqueles que estavam perto dela.

Oleksandra é uma mulher de aproximadamente 40 anos, uma diretora sagaz que conduzia os destinos de uma multinacional, mas agora sentia que o seu mundo se derrubava perante os seus olhos sem que ela pudesse fazer nada para impedir essa queda. Os tempos inquietantes da atmosfera de pré-guerra a precipitaram a abandonar o país com documentação incompleta, fazendo isso em poucas horas junto com a companheira Daryna. Essa situação colocou em xeque o vínculo que elas estavam construindo, apesar das muitas dificuldades. Anteriormente, tinham morado no país de transição inúmeras vezes por períodos curtos. Agora se dirigiam a essa nação devido ao fato de que a parte do trabalho que realizavam poderia ser feita de maneira remota. Oleksandra tinha sido a chefe de Daryna durante alguns anos antes de Daryna ter sido destinada a esse país. Daryna tinha 29 anos e um aspecto adolescente e masculino; apesar de ter sustentado por muito tempo a possibilidade de realizar uma transição de gênero, decidiu deixar de lado esse assunto para quando elas conseguissem estar juntas no país que as acolhesse e onde todas essas questões fossem legalizadas. Muitas transições atravessavam a vida dessas mulheres.

Após 7 anos de vínculo, passaram a morar juntas, e nesse momento mudou o modo de se relacionarem, porque se tornaram um casal de amigas inseparáveis, como familiares próximos. Oleksandra tinha perdido a mãe um tempo antes de começar a se relacionar com Daryna. Ela prometeu para a mãe, no leito de morte desta, que iria cuidar do tio materno inválido até o fim dos dias dele, continuando assim os cuidados que a mãe fazia por ele desde fazia muitos anos. Além disso, tinha abandonado um relacionamento com um marido violento que uma vez quase a matou em um ataque de raiva. Daryna, na infância, tinha sofrido abuso pelo pai, que a castigava violentamente em termos físicos e psicológicos. Oleksandra e Daryna conheciam os integrantes da família de origem uma da outra. Nenhuma das duas mencionava o tipo de relacionamento que mantinham, nem o faziam no lugar de trabalho. Sempre apareciam como *o casal de inseparáveis*. Migrar era o projeto a realizar e lhes proporcionaria a liberdade e a consolidação do vínculo que tinham. Qual seria a ideia de casal que Oleksandra e Daryna teriam construído no seu inconsciente vincular? Qual seria a fantasia constitutiva da sua relação que lhes facilitaria manter a crença de que, a partir dos projetos que realizassem, poderiam resolver todos os seus conflitos de longa data que carregavam desde os seus próprios grupos de origem e seus vínculos anteriores? Nem imaginaram que uma situação de catástrofe política mudaria radicalmente essa fantasia, como também os projetos de vida.

O grande projeto para o que estavam se preparando fazia vários anos tinha sido cuidadosamente desenhado. Fazia uns meses que Daryna tinha conseguido se alocar em uma filial da empresa. Planejaram a migração de Oleksandra, depois que

conseguisse o visto, para o país em que trabalhava Daryna, que era quem realmente tinha possibilidades de conseguir o traslado da sua parceira. Apesar disso, o clima de guerra acelerou todo o processo e desorganizou os passos que tinham sido cuidadosamente calculados. O resultado foi que tiveram que deixar para atrás, de forma intempestiva, toda a vida cotidiana para não ficarem presas dentro das fronteiras. Nesse ínterim, perante a premura dos fatos e a saída em estado de emergência de outras colegas de trabalho, Oleksandra conseguiu um trabalho em que parecia possível o acolhimento como exilada, mas não na filial de Daryna, e sim em um outro país. Por isso, Oleksandra abandonou o país com uma outra colega que não sabe da relação dela com Daryna. As três mulheres se trasladaram ao país em que ficaria Daryna antes de Oleksandra e a colega se deslocaram até o país final de destino. As três começaram a ter conflitos entre si.

Durante esse período de transição quase todas as sessões começavam do mesmo jeito. Problemas técnicos de internet atrapalhavam a comunicação. Assim que esse problema era solucionado, elas aguardavam que a terapeuta dissesse alguma coisa, aguardavam escutar a sua voz. Certamente muitos sentimentos estariam aí silenciados (a terapeuta estaria em segurança? Alguém poderia interceptar as comunicações? Teriam segurança para realizar todos esses encontros?).

Muito embora às vezes as associações parecessem indicar que os movimentos que poderiam realizar eram aparentemente tranquilizadores e otimistas, pelo simples fato de colocar em palavras isso era para elas algo desestabilizante. A emergência e imediatez dos eventos não lhes davam tempo para adquirir o estatuto de representação e se transformavam então em uma invasão intolerável de estímulos junto com uma culpa desbordante. Oleksandra ainda estava no país de trânsito, muito próxima de partir para o novo país que lhe daria acolhimento. Ela chorava totalmente desconsolada.

O: Tudo acontece de forma inesperada e com tanta rapidez que já não sei se é bom ou ruim. Seja como for, não era esse o nosso plano inicial. Não sei se faço ou desfaço as malas. Parecia que o fato de eu ter um trabalho poderia me aliviar, mas sinto uma dor e um medo terrível [chora sem parar]. Já não consigo me reconhecer, não sei quem sou. [Daryna pega a mão dela.]

O: Não conheço a língua, não conheço ninguém por lá. A Daryna fica por aqui, ela já conhece este lugar, o idioma, e conhece pessoas.

D: Acredito que agora a Oleksandra está sentindo o que eu senti quando me mudei sozinha, eu também não conhecia ninguém.

[Não parece que ambas as experiências possam ser ouvidas como diferentes.]

O: Não acho que seja igual, aquilo fazia parte do nosso projeto, estávamos dando cada passo com tempo para pensar, com a cabeça, e isto é uma total loucura. Íamos estar juntas, era parte de uma vida que tínhamos sonhado, em um lugar em que pudéssemos sentir que o nosso relacionamento de casal poderia ser visto com indulgência e respeito por parte das pessoas.

Daryna comentou que faria videochamadas diárias com Oleksandra, que iriam escrever, e que tudo iria dar certo. “Temos voos diretos daqui, e eu vou ajudar na mudança.”

No entanto, as palavras de Daryna e suas boas intenções imediatamente se desvaneceram: “Peço a Deus que não haja imprevistos!”.

Inesperadamente, ambas mergulharam em uma situação de tristeza e medo conjunto. A terapeuta pouco pôde conter essa situação. Ela permaneceu no país em que começaram a suspender os direitos dos cidadãos. Tentou sustentar o dispositivo analítico, mas era muito complexo poder se conectar com a difícil situação em que ela também estava implicada, com colegas da sua mesma profissão tentando abandonar o país.

A guerra se transformou em uma violenta invasão que violentou Oleksandra, Daryna e a terapeuta. O conflito de casal disparou com o aparecimento das “loucuras privadas” (Green, 2001) de cada uma das integrantes do vínculo. Alguma coisa interrompeu de forma abrupta os planos que tinham, se transformou e se desviou em direção a um conflito de casal. Antes já tinham acontecido conflitos, mas agora havia as possíveis sombras que poderiam entorpecer os desejos de realizar os planos que foram pensados. Por que, em lugar de se manter unidas por meio da solidariedade, a situação se torna violenta, e tanto as reivindicações quanto o reproche tomam conta do espaço do vínculo do casal? Como poderiam ser ajudadas para sonhar um futuro possível? Pensar a partir da perspectiva vincular nos permitiu questionar sobre os efeitos do sofrimento e os processos de mudança que se vivenciam nessas circunstâncias nos vínculos humanos entre famílias, casais e no contexto social mais amplo. Encontramo-nos diante de um suplemento aparentemente do acaso que irrompeu no contexto da repetição, na mesma borda entre o ser e o não-ser, na borda da descontinuidade, o que nos obriga a abordar novas possibilidades subjetivas, que se manifestam de forma imprevisível.

Quando os efeitos imprevistos não simbolizáveis invadem o tecido social por efeito de estados de violência social ou política, ganha espaço um terror sem nome. O futuro possível perde sentido, e a vida completa, com os seus múltiplos sentidos e significados, se borra, perde clareza. Aquilo que é desorganizador do presente, conforme vão passando os dias, se naturaliza e vai provocando efeitos de curto prazo e muito provavelmente de longo prazo também: os transgeracionais. Nos deparamos com a tarefa de inventar ferramentas para intervir sobre os efeitos de devastação que geram esses fenômenos nos níveis vincular e da subjetividade individual.

Assim que sobrevém uma catástrofe, se estabelece um corte na regularidade da vida, aquilo que vai continuar adquire um outro sentido que será diferente do da vida até então. Trata-se de uma outra vida e de novidades que advirão dessa subjetividade descontínua (Puget, 2015). Esse corte da vida emocional gera um estado em que se pode observar um fenômeno curioso, algo assim como se não houvesse representações da vida prévia. O Eu as isola em uma tentativa de proteção das representações

prévias (Berenstein, 2005). Como se a situação de sobrevivência outorgasse um outro sentido à vida, o imprevisível deixa sem efeito aquilo que até um momento atrás era o cotidiano e o que dava pertencimento, como se se criasse uma subjetividade.

A imposição do imprevisível é a evidência do exterior real que não tem espaço na interioridade e que excede as significações instituídas. O próprio sujeito devém um outro para si mesmo. Diz Oleksandra: “não consigo me reconhecer”. Vai levar o seu tempo para que o próprio sujeito possa iniciar o trabalho de instituir uma nova significação e uma outra subjetividade que lhe permita organizar uma outra vida. Se não conseguir fazer isso, então aparecerá a ideia de que a catástrofe não tem a ver com ele, e pode ser que se refugie na fantasia como se não o tivesse impactado, um estado de alienação que lhe permite cindir o acontecido (Berenstein, 2005). Entram na categoria de acontecimentos que resistem à significação. As catástrofes produzem efeitos cuja persistência insiste na mente, nos vínculos familiares e no social. É a catástrofe após a catástrofe. A novidade se incorpora nessa continuidade que tende a tornar conhecido o que até então era desconhecido.

Efeito do transubjetivo nos psiquismos individuais e no nível vincular

A realidade psíquica dos vínculos intersubjetivos é de muita importância se temos que intervir de maneira terapêutica. Somos obrigados a levar em conta a consistência desse espaço entre os sujeitos, essa realidade psíquica comum compartilhada, e não só o efeito desse espaço intersubjetivo sobre o mundo interno de cada sujeito. Os sujeitos somos constituídos na intersubjetividade como sujeitos do inconsciente, e cada um de nós ao mesmo tempo faz parte da intersubjetividade que se entrelaça com os outros. Observamos que a consistência e as formas contemporâneas do vínculo intersubjetivo estão em mutação. Os garantes culturais e societários não exercem mais as suas funções de enquadre, de marcas contextuais, eles deixaram de cumprir seu papel. Nos casos em que se produziram rupturas, transformações catastróficas, as ameaças sobre o conjunto são inevitáveis, assim como o sofrimento daqueles que integram esses conjuntos.

O conceito de sujeito social ou sujeito da cultura provém de outras áreas do saber (a antropologia, a sociologia, a filosofia, a história). Podemos dizer que para a psicanálise constituiria um desafio poder instituir hipóteses teóricas que permitam incorporar no seu corpo teórico e, portanto, na sua prática o corpo do social, aquilo que faz o transubjetivo que dá forma à constituição subjetiva em uma determinada época, em um contexto sócio-histórico. Isso supõe dar-se conta de que cada sujeito singular se constitui subjetivamente em um mundo de redes vinculares múltiplas, como efeito e causa inter e transubjetivos.

As profundas mudanças que aconteceram nas últimas décadas geraram um novo contexto em que observamos novas formas de vínculos sociais, com os outros. Transformações no modo como se estabelecem laços sociais que provocam formações de conjuntos em que estão presentes a exclusão e a marginalidade junto a

manifestações de um importante individualismo. Trata-se de transformações que têm por efeito a produção de novas subjetividades, novos estilos de vínculo, que provocam novos padecimentos e novas formações de sintomas ou transtornos, que nos convocam a questionar novas modalidades de intervenção.

Por essa perspectiva a subjetividade pode ser pensada como uma estrutura em permanente mudança, como um sistema aberto, tal como afirma Janine Puget em *Subjetivación discontinua y psicoanálisis* (2015). Os termos “subjetividade” e “subjetivação” se deslocaram, não faz muito tempo, para ingressar na nossa disciplina. Silvia Bleichmar (2006) propunha analisar a incidência dos fatores socioeconômicos e políticos geradores de estados de desamparo e violência que colocam em perigo o contrato narcisista. Marcelo Viñar (2015) sublinhou que os psicanalistas não podemos dar as costas a essa *mudança civilizatória* e seus efeitos na constituição dos psiquismos, às mudanças significativas que as modalidades históricas e sociais provocam na produção do sujeito psíquico. São mudanças que afetam as formas de trabalho, de amor, de sexualidade e de como ter filhos, as configurações familiares e as formas de apresentação dos sofrimentos, entre muitas das novidades que acompanham o novo milênio.

Os vínculos e a produção histórica das subjetividades constituem um campo de reflexão que tenta pensar as formas da existência dos sujeitos, as modalidades de ser sujeito de uma determinada cultura como efeito de certas práticas sociais que funcionam como dispositivos. A epistemologia da complexidade (Morin, 1994, citado por Barberousse, 2008) nos permite abordar os fenômenos que podem ser pensados somente a partir de um corpo de saber pelo fato de serem considerados abertos, como é o caso da subjetividade humana. Compreender os complexos processos de transformação de agrupamentos e instituições que integram a sociedade que nos tocou para viver é fundamental para propor as nossas intervenções clínicas.

Somos sujeitos de vínculos

Adotar os ideais do conjunto em detrimento de outros próprios é um processo complexo, conflitivo e nem sempre realizável, algo que nos impõe crenças, ideais, normas, compartilhamento de sentimentos e ideologias. Promove operações defensivas que incidem nos psiquismos participantes. Tudo isso são exigências para participar nos vínculos intersubjetivos, para nos constituirmos como sujeitos de vínculos.

Fazer parte de uma “comunidade de direito” é algo que garante a nossa participação em uma comunidade, em um determinado contexto cultural, e isso nos permite participar de um lugar psíquico em comum, de um envoltório psíquico comum que nos fornece continuidade e continência vincular, uma ilusão de pertencimento, uma aparente segurança conjunta. Alianças inconscientes de diversas ordens operam desde os momentos iniciais do devir humano, constituindo esse tecido relacional que une cada sujeito humano com o conjunto, com o grupo ao que pertence, definindo diversos níveis contratuais estruturantes, sejam de ordem familiar (de filiação,

parental, geracional, transgeracional) como de outras alianças que nos vinculam ao contexto social do qual participamos (o fraterno, o pai como representante simbólico, o controle dos impulsos destrutivos), garantes do espaço psíquico comum que habitamos (Käes, 2021). As catástrofes e crises sociais que vivenciamos realizam essa perda de garantias. Esse marco transubjetivo afeta o marco psíquico individual porque exerce um efeito estruturante ou desestruturador das formações intrapsíquicas do inconsciente individual: o Supereu, os ideais, as funções do Eu se alicerçam nessas alianças inconscientes que sustentam esses garantes culturais e societários.

A constituição intrapsíquica, assim como os sistemas de significação que permitem que o sujeito sustente a sua vida, se desarticula quando a realidade faz explodir as formas habituais de estar e habitar com os outros. Desmontam os modos como funcionamos cotidianamente, o que ameaça desorganizar as maneiras habituais que temos de funcionar com nós mesmos, em nossos vínculos subjetivos e com a realidade que nos rodeia. Aquilo que é traumático obriga a realizar inéditos processos de elaboração psíquica, pondo em risco a forma como representamos a conservação da vida e seus perigos, e as formas como o Eu se sente em risco frente a enunciados identificatórios que o constituem. As catástrofes histórico-sociais afetam a autopreservação e a autoconservação. Segundo Silvia Bleichmar (2005), afetam os enunciados identitários que são constitutivos do nosso psiquismo (o Eu), promovendo verdadeiros processos de desidentificação. Construir um espaço de pertencimento significa que somos capazes de habitar esses lugares e levar a bom termo as ações pertinentes que nos permitem ser donos desse lugar e dessa realidade. Necessitamos estar alocados nesses lugares para poder realizar essas ações. Isso seria impossível se fôssemos excluídos pela alteridade (Derrida, 1997; Levinas, 1961/1971) ou se fôssemos considerados uma posse do outro, e assim a alteridade fica encoberta pela similitude. Nosso tempo presente impõe novos problemas que devem ser valorizados e que não existiam no passado, o que nos obriga a incluir mais do que a compulsão à repetição. Os relacionamentos entre as pessoas acontecem sob muitas circunstâncias, em espaços e situações fluidas, com pouca estabilidade, e essa relação vai depender daquilo que as pessoas sejam capazes de fazer juntas, o que sempre é imprevisível.

Vínculos y catástrofes sociales: parejas y crisis

Resumen: La autora presenta reflexiones al respecto de los efectos de las catástrofes ambientales, sociales y naturales en la dinámica de la subjetividad colectiva y también individual. Considera que ellas alteran el orden familiar y perturban los vínculos en general. El texto muestra consideraciones teóricas sobre el tema, recorriendo la teoría psicoanalítica desde los orígenes hasta nuestros días, y señala la importancia que tiene el observar que las formas contemporáneas de vínculos sufren constantes cambios. En carácter de ilustración clínica, presenta

la atención terapéutica realizada a una pareja que estaba en tránsito debido a que se escapaba de la guerra entre Rusia y Ucrania, con la intención de buscar un espacio continente para vivir.

Palabras clave: catástrofes, intrasubjetividad, intersubjetividad, transubjetividad, vínculos

Social catastrophes and bonds: couples and conflicts

Abstract: The author presents some considerations about the effects of environmental, social, and natural catastrophes on the dynamics of individual and collective subjectivity. She believes these events change the family order and disturb bonds as a whole. The paper proposes theoretical considerations on the theme, passing by the psychoanalytic theory, from its origins to current days, and it points towards the importance of observing that the contemporary ways of bonding are in constant change. As a clinical picture, the author uses the therapeutic care of a moving couple, running away from the war between Russia and Ukraine, in the search for a container space to live.

Keywords: catastrophe, intrasubjectivity, intersubjectivity, transsubjectivity, bonds

Referências

- Barberousse, P. (2008). Fundamentos teóricos del pensamiento complejo de Edgar Morin. *Revista Electrónica Educare*, 12(2), 95-113. <https://doi.org/10.15359/ree.12-2.6>
- Benjamin, W. (1977). *Para una crítica de la violencia y otros ensayos* (R. Blart, Trad.). Taurus. (Trabalho original publicado em 1921)
- Berenstein, I. (2005). Herramientas para pensar nuestras catástrofes cotidianas. In D. Waisbrot, M. Wikinski, C. Rolfo, D. Slucki, & S. Toporosi (Orgs.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales* (pp. 86-121). Paidós.
- Bleichmar, S. (2005). Conceptualización de catástrofe social: límites y encrucijadas. In D. Waisbrot, M. Wikinski, C. Rolfo, D. Slucki, & S. Toporosi (Orgs.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina* (pp. 134-156). Paidós.
- Bleichmar, S. (2006). La deconstrucción del acontecimiento. In L. G. Fiorini (Comp.), *Tiempo, historia y estructura: su impacto en el psicoanálisis contemporáneo* (pp. 34-37). Lugar Editorial; APA.
- Derrida, J. (1997). *Mal d'archive: une impression freudienne*. Galilé.
- Freud, S. (2002). ¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud) (1933 [1932]). In *Obras completas: Vol. 22. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras (1932-1936)* (J. L. Etcheverry, Trad.; 2a ed., pp. 179-180). Amorrortu Editores. (Trabajo original publicado en 1932)
- Green, A. (2001). *El tiempo fragmentado* (I. Agoff, Trad.). Amorrortu editores.
- Käes, R. (2021). *L'incertitude, le présent, l'infantile, et le devenir* [Apresentação de trabalho]. IPA-COFAP Online Inter-regional Conferences 2021-22, Londres, Inglaterra.

- Levinas, E. (1971). *Totalité et infini: essai sur l'extériorité*. Livre de Poche. (Trabalho original publicado em 1961)
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas*. Lugar Editorial.
- Viñar, M. (2015). El vértigo civilizatorio y la clínica actual. *Revista da Sociedade Argentina de Psicoanálisis*, (19), 17-34.

Elizabeth Palacios

Endereço: Avda. César Augusto, 117, 4 G. Zaragoza (Espanha).

Código Postal: 50.003

Tel.: +34 976 607553681

E-mail: elipalacios2609@gmail.com